

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

ELIANE ALVES DE OLIVEIRA

***Mas que diabos?!: o significado do palavrão na sociedade
brasileira***

**SÃO PAULO
2017**

Eliane Alves de Oliveira

Mas que diabos?!: o significado do palavrão na sociedade brasileira

Trabalho elaborado como exigência para a conclusão do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientador: Marcos Oreste Colpo

SÃO PAULO

2017

Aos pequenos em tamanho, mas grandes em dimensão: Daniel, Mateus e Rafael, que em sua infinita curiosidade e sabedoria me reabrem e renovam os horizontes já cristalizados do mundo adulto.

Às minhas angústias, sempre melancolicamente companheiras, potentes e mobilizadoras.

À última ~~porta~~ de sanidade que resistiu em mim até o fim deste processo acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Vibro gratidão ao Universo, fundamental na função de agir e me devolver meu equilíbrio interno através de sua energia incessantemente transformadora. Que o que eu vibrar no Universo sempre retorne a mim.

Agradeço à minha mãe, Marita, pelo apoio incondicional e interminável no processo de ingresso, passagem e completamento desta etapa de Curso em Psicologia. Por nunca ter deixado de me incentivar, por mais apreensiva que estivesse quando primeiro manifestei meu desejo de seguir na Psicologia, ainda no ensino médio. Meu início, meu fim e meu meio.

Agradeço a todas as pessoas envolvidas na produção e manutenção do ProUni na PUC-SP e fora dela, sem o qual, na condição de mulher periférica, dificilmente me seria possível esta aventura em Psicologia. À própria PUC-SP por me possibilitar encontrar e aprender com uma das melhores equipes de Psicólogas da história da Psicologia no Brasil.

Agradeço a Ciça Vilhena, professora da Eletiva de Pesquisa em Testes Psicológicos, por ter incitado e acendido em mim o fervor pela pesquisa, desde o método até a comunicação, simultaneamente mostrando que a sensibilidade e consideração são sempre possíveis em qualquer processo investigativo rigoroso.

Agradeço à minha parecerista e orientadora do Projeto de Pesquisa, Andreia Garbin, por enxergar potência e acolher um embrião tão ousado e fora do comum. Na minha memória, grandes têm sido a força e a verdade de suas palavras desde a época do Projeto até hoje.

Agradeço ao meu orientador, Marcos Colpo, por respeitar meu tempo e modo de produção e me aliviar minimamente das pressões – por vezes sem sentido – do mundo acadêmico. Também por embarcar nesta empreitada menos-do-que-polida de falar palavrão falando de palavrões. Foram orientações proveitosas, reflexões valiosas e ótimas risadas.

Por último, mas nunca menos importante, agradeço ao Coletivo “Subversivas da PsicoPUC”, formado durante um grupo de trabalho no Núcleo de Psicologia do Trabalho e das Organizações em 2016 e na ativa até hoje: Amanda, Ana, Andreia, Bárbara, Juliana e Larissa, vocês são quem há de melhor para se conviver em tempos tão difíceis quanto os hoje, tanto acadêmica quanto emocionalmente. Obrigada pelas discussões ricas que tanto ajudaram na elaboração deste trabalho, pelas risadas tarde da noite, e pelo infinito acalanto até aqui: à subversão de todo sistema injusto e naturalizado!

Área do conhecimento: 7.07.05.00-3 – Psicologia Social

Título: *Mas que diabos?!: o significado do palavrão na sociedade brasileira*

Orientanda: Eliane Alves de Oliveira

Orientador: Prof^o Dr. Marcos Oreste Colpo

Palavras-chave: Palavrão; Significado; Gênero; Psicologia Sócio-histórica.

RESUMO

A categoria léxica obscena de palavras, popularmente conhecida como “palavrões”, faz parte do vocabulário mundial. Tem aparecido mais e mais no nosso discurso cotidiano social (estamos em um momento histórico de grandes questionamentos sobre comportamentos antes sumariamente classificados como ruins/impróprios à prática), embora ainda desperte reações tais como surpresa e críticas negativas por parte de nossos interlocutores. Os significados do fenômeno de ‘falar palavrões’ – seja em sua dimensão subjetiva ou em sua dimensão social – para suas/seus adeptos inseridas/os no contexto brasileiro foram delineados em cima do conteúdo existente no “Dicionário do Palavrão e Termos Afins” e analisados à luz da teoria de Vygotsky e do campo da Psicologia Sócio-histórica brasileira. Foi possível observar que ideologias naturalizadas se escondem sob o rótulo de “palavrões” e são mantidas. O papel de gênero nos significados levantados é contrastante. A mulher é passiva e o homem ativo. A orientação homoafetiva é basicamente significada como sendo caso quase exclusivamente masculino. A mulher é signo de fraqueza e o homem de força. Sugere-se que uma renovação dos estudos sobre os palavrões é necessária e que mais estudos em Psicologia sejam feitos.

ABSTRACT

The obscene lexical category of words, popularly known as "swearword", is part of the world vocabulary. It has been appearing more and more in our everyday social discourse (we are in a historic moment of great questions about behaviors previously summarily classified as bad/unfit for practice), although it still arouses reactions such as surprise and negative criticism from our interlocutors. The meanings of the phenomenon of 'spoken swearword' - whether in its subjective dimension or in its social dimension - to its adherents inserted in the Brazilian context were outlined above the content in the "Dictionary of the Swearword and Related Terms" and analyzed in the light of Vygotsky's theory and the field of Brazilian socio-historical psychology. It was possible to observe that naturalized ideologies hide under the label of "swearing" and are kept. The role of gender in the raised meanings is contrasting. The woman is passive and the man active. Homoaffective orientation is meant as being almost exclusively masculine. The woman is a sign of weakness and the man one of strength. It is suggested that a renewal of studies on swearwords is necessary and that more studies in psychology are done.

Keywords: Swearword; Meaning; Gender; Socio-historical Psychology.

AVISO

Antes de prosseguir, saiba que este volume guarda conteúdos (textos, falas e afins) que podem impressionar a/o leitora/or por serem considerados de ordem ofensiva e chula. Esse conteúdo é preferencialmente dirigido a pessoas que não sejam sensíveis a esta forma de linguagem, de modo que é de responsabilidade da/o leitora/or seguir à frente tendo em mente este aviso.

Seguindo em frente a partir daqui você assume que não considera ofensivo o material relativo a palavrões aqui apresentado (porque o ~~caralho~~ a ~~quatro~~ de palavrão que aparecer de agora em diante não será mais censurado), e também que abandonará, imediatamente, este conteúdo caso venha a considerá-lo ofensivo mais adiante.

Tendo sido isto dito, a você uma leitura ~~fo~~ ótima.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	6
ABSTRACT	7
AVISO	8
SUMÁRIO	9
1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1. BASE BIOLÓGICA	18
2.2. BASE LINGUÍSTICA.....	21
2.3. BASE PSICOLÓGICA.....	25
2.4. A PSICOLOGIA DE VYGOTSKY	26
3. METODOLOGIA	30
3.1. PRINCIPAIS CATEGORIAS TEÓRICAS DO MÉTODO SÓCIO-HISTÓRICO	30
3.1. ETAPAS DO MÉTODO SÓCIO-HISTÓRICO	33
4. POSSÍVEIS SIGNIFICADOS DOS PALAVRÕES	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
6. REFERÊNCIAS	48
ANEXOS	50
ANEXO I – “O Direito ao Palavrão”, por Pedro Ivo Resende.....	51
ANEXO II – Verbete para “Palavrão” retirado do Dicionário do Palavrão e Termos Afins.....	54

1. INTRODUÇÃO

V. A(o) psicóloga(o) contribuirá para promover a universalização do acesso da população às informações, ao conhecimento da ciência psicológica, aos serviços e aos padrões éticos da profissão.

(Código de Ética do/a Profissional de Psicologia)

A fala é por definição uma das principais capacidades humanas. É sabido que, desde o primeiro momento em que esta habilidade foi desenvolvida, ela tem estado em constante movimento, evoluindo de acordo com a exigência de uma realidade que igualmente se desvela ininterruptamente. Este movimento mútuo é observável quando levamos em conta o sem-número de variações idiomáticas existente hoje.

Ocorre que há tempos me encanta essa capacidade singularmente humana a um nível de pesquisa. A possibilidade de transmitir instruções, impressões e afetos apenas por meio de articulações sonoras e posteriormente através de signos textuais, não mais por aleatoriedade de comportamentos ou violência, é algo sem precedentes na história das espécies – algo que foi provavelmente determinante no processo de sobrevivência e povoamento do planeta pela nossa espécie.

Como estudiosa do campo da psicologia e dos fenômenos que podem ser compreendidos na noção de “ser humano”, imaginei o quão proveitoso poderia ser observar mais de perto algumas partes desta que é nossa principal atividade – tanto como humanas/os quanto profissionais do fazer psicológico.

Pensei no quão rico poderia ser observar mais especificamente aqueles âmbitos da linguagem que aparentemente não são considerados importantes para receber atenção de áreas fora da Linguística – área que, por sua vez, cuida principalmente das morfologias e sintaxes idiomáticas de modo separado, mas raramente dá atenção à categoria de *significado para além do dicionário* como entendemos na Psicologia, principalmente no tocante à subjetividade. Como veremos brevemente mais à frente neste trabalho, a Semiótica é uma área que tenta dar conta dos *sentidos*, mas dentro da

linguagem geral – tenta apontar sentidos em quaisquer tipos de *signos* utilizados pelo ser humano além dos verbais. A Lexicografia é uma área que cuida especificamente dos dicionários, de sua feitura, planejamento e estudo, mas que aparentemente também não vai muito além da estrutura do dicionário para chegar à problematização dos *significados* que acumula.

Portanto, pensei que é necessário delinear melhor essas partes linguísticas que se chocam com valores morais social e historicamente construídos e que ainda não são observadas do ponto de vista psicológico em termos de Brasil: investigar sobre “impropérios linguísticos” é importante principalmente do ponto de vista do respeito à forma de se comunicar da(o) outra(o) para que se sinta acolhida(o), e também da necessidade de contribuir cientificamente à construção da Psicologia como profissão e ciência.

Os palavrões, como são popularmente chamados, também integram a comunicação cotidiana do ser humano, sendo assim também meio de transmissão de eventos internos tais como afetos e ideologias de quaisquer ordens, por exemplo. Os palavrões de que eventualmente fazemos uso, dentro do conjunto das palavras de um idioma, dizem de quem somos e de qual contexto sócio-histórico vivemos.

Imaginei então como seria o registro e como seriam tratados os *significados* dessa fala coletiva e subjetiva: como têm dicionarizado palavrões e expressões afins? Seria possível que houvesse esta linha de pensamento aqui, em um país que repudia tanto expressões chulas, mas que as utiliza na mesma medida?

Digo, como é que nossa população conceberia, quais seriam suas representações em cima de um registro formal de palavrões? Que comportamentos e ideologias temos naturalizado e classificado como palavrões, especialmente desde os anos 70? E ainda hoje? Quais seriam as consequências de possíveis naturalizações em um recorte como este?

Palavrões parecem um bom objeto de estudo à psicologia, certo?

Nem fodendo, diriam os mais veementemente conservadores – apesar de também eles/as fazerem uso de palavrões.

E segundo o levantamento feito para a base deste trabalho esse não era assunto da Psicologia aqui no Brasil. Pelo menos não até este momento.

De minha parte, defendo que é princípio da profissão em Psicologia ir contra qualquer tipo de discriminação – incluindo aquela de ordem linguística. Penso que se minha classe se posiciona radicalmente contra toda sorte de humilhações, também se posiciona *contra arbitrariedades e naturalizações em cima do uso de vocábulos socialmente repudiados* tendo em vista o potencial destrutivo desse tipo de naturalização. Isso além do fato de que também é premissa da profissão se renovar frequentemente em seus saberes teórico-práticos exatamente para que não se congele em ideologias possivelmente detrimen-tosas à pessoa humana.

Mas como eu, graduanda de uma área que não é a Linguística, tratará publicamente – e na magnitude e pouco tempo hábil para um trabalho de conclusão de curso – de uma questão que vai contra a moral e os “bons costumes”?

Pois bem, por hora digo que encaro a noção de ‘áreas de conhecimento’ como uma divisão puramente didática; algo que não necessariamente são espaços permanentemente divididos e metricamente separados cada qual em sua especialidade somente.

Já dizia Morin (2003) que “o retalhamento das disciplinas torna impossível apreender ‘o que é tecido junto’, isto é, o complexo, segundo o sentido original do termo” (p. 13), portanto tento aqui me apropriar da trama complexa de relações que envolvem o ato de falar palavrões mais do que continuar apontando divisões conceituais que a nada mais servem senão complicar a compreensão deste fenômeno.

Mas para continuar adiante no tópico “por que investigar palavrões quando há tantas outras coisas”: outro fato que me intriga desde há muito é o relato de alívio instantâneo dado pelos usuários imediatamente após uso deste léxico considerado chulo. “É um *puta* descarrego”, já me disseram enfaticamente.

Para fins de esclarecimento, obviamente que este trabalho não cobre o início das investigações possíveis no campo de pesquisa aqui abordado e não se pretende defensor do uso irrestrito e acrítico de palavrões ainda que ajam como os desestressores que são, mas se pretende sim observador e problematizador de elementos do significado registrado em cima da utilização do palavrão ainda que o uso deles vá contra todos os “bons” valores socialmente construídos em cima de morais específicas.

Mais adiante veremos, como exemplo, que a literatura de algumas áreas da biologia já demonstram cientificamente que há consequências imediatas após o uso de palavrões – consequências que contribuem para a diminuição do nível de estresse. Veremos também como a figura da mulher é com bastante frequência referenciada em expressões tidas como “sujas” e “impróprias” e a do homem como eternamente forte e viril. Isto mostra como é necessário tratar do assunto para além do ponto de vista moral.

E sobre estes valores morais que certamente atravessam a cultura e o fazer da profissão, seguindo o Princípio Fundamental IV do Código de Ética Profissional da Psicologia (CEPP), busco proporcionar uma base de viés psicológico para continuação de investigação deste campo tão controverso da capacidade verbal humana, para que este campo seja implementado e construído também na psicologia brasileira como ferramenta de conhecimento e atuação na profissão.

Utilizando da Psicologia materialista histórica e dialética de Vygotsky, e, mais especificamente da Psicologia Sócio-histórica brasileira que dela deriva, observarei e problematizarei os palavrões de forma mais profunda, levando em conta não só os complexos processos comunicativos de que se ocupa a linguística, mas também os efeitos biológicos, sociais e pessoais do uso destas expressões: uma vez que “Vygotsky escolhe o significado da palavra como unidade de análise no estudo do funcionamento mental” (Smolka, 1993, p. 9), esta corrente me parece abrangente o suficiente para iniciar uma investigação fiel à conotação social construída em cima do uso de palavrões.

Ainda na perspectiva de investigar o significado dos palavrões do ponto de vista psicológico, utilizei como base de dados o “Dicionário do

Palavrão e termos afins”, escrito por Mário Souto Maior: pretendi, então, analisar o fenômeno do palavrão desde seus significados socialmente construídos, buscando inclusive considerar e levantar para análise qual a representação da mulher e homem nestes registros dicionarizados, considerando o contexto histórico de quem os colhe, registra e sistematiza e também aquele configurado nas regiões do Brasil mencionadas como lugares em que se usavam os termos.

Os próximos capítulos deste trabalho trarão, então, a definição das principais noções em Psicologia Sócio-Histórica e também breve contextualização das bases essenciais para a compreensão da linguagem, a saber: biológica, linguística e psicológica.

Trarão ainda “A Psicologia de Vygotsky”, que dirão dessa capacidade enquanto comportamento formado por e inserido no contexto social e suas complexas implicações intra e interpessoais. Posteriormente, veremos a metodologia utilizada para, por fim, tecer comentários sobre quais poderiam ter os significados dos palavrões na sociedade brasileira da época da produção do dicionário.

Mas comecemos esta bodega de uma vez! Sigamos pelos vieses de pensamento considerados para a escolha do referencial teórico deste trabalho, apresentado a seguir.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

“A matéria é o que constitui o universo, e a consciência é uma de suas expressões mais complexas”.

(KAHHALE e ROSA, 2009, p. 32)

Historicamente observamos que a Psicologia em seus inícios, pelo menos antes de tentarem delimitar seu campo e ‘oficialmente’ o chamarem assim, contou com pensadores/as de diferentes áreas do conhecimento: Freud, um neurologista de formação, começou a se perguntar sobre os efeitos que poderiam ter uma escuta livre e flutuante de seus pacientes quando ele os deixasse falar “tudo o que lhes viesse à cabeça” antes de fixar diagnósticos.

Tinha início o enquadre naturalizante, como exemplo, de homens como majoritariamente neuróticos ou psicóticos, e de mulheres como majoritariamente histéricas quando não psicóticas – homens preocupados, mulheres loucas.

Já nos inícios da investigação científica do que se pensava uma psicodinâmica humana, o psicanalista trouxe a visão predominantemente biológica e estruturalista que era sua especialidade, tentando embasar seus achados sob a égide deste viés de ciência – tentando adequar a vida humana à sua teoria.

O fato é que já ali, suas descobertas apontavam para uma forma de vida ainda mais complexa do que fórmulas e números poderiam classificar e mapear: Freud se viu às voltas para conseguir cunhar conceitos que pudessem resumir os diversos tipos de discurso ouvidos em sua experiência clínica.

Conceitos que, também pelo seu contexto histórico, foram pensados de forma essencialmente científica e determinista, naturalista em muitos aspectos que incluíam o gênero como importante fator inclusive para a construção dos conceitos teóricos da época.

E é neste ambiente que a Psicologia Social surge como contraponto e crítica a estas formas organicistas e reducionistas de pensamento psicológico: dentro desta vertente está a corrente Histórico-cultural pensada por Lev Vygotsky, Alexei Leontiev e Alexander Luria na então União Soviética,

e aqui no Brasil chamada de Psicologia *sócio-histórica* por Silvia Lane e seu grupo de estudo.

Enquanto teorias como a freudiana pensavam naquele momento o fenômeno humano como algo reduzido a instâncias psíquicas – portanto algo separado, recortado de sua realidade em alguma medida, a Psicologia Social trouxe noções que procuravam compreender o humano e sua singularidade como *processo* em constante movimento dentro de uma particularidade plural e coletiva; procurava vê-lo como ser que transforma o mundo de acordo com suas necessidades *enquanto* é igualmente transformado por ele.

Usando de construtos teóricos chamados de *categorias*, a teoria inicialmente proposta por Vygotsky e seus colegas tenta, mais do que recortar um fenômeno e cristalizá-lo em um *conceito*, compreender a vida humana como processo dialético de mútua transformação com o ambiente onde essa vida está sendo produzida; Vygotsky buscava compreender a vida humana como processo historicamente mediado pelas relações que tomam lugar na base material onde ela se dá.

Naturalmente que as relações observadas também incluem interações humanas entre si: as relações sociais são observadas pela teoria sócio-histórica de modo a tentar apreender sentidos e significados do discurso humano, nunca deixando de considerar *quem* fala, *de onde* fala e em *que momento histórico* se fala – isto é, nunca deixando de lado o *contexto histórico* onde a fala acontece.

E do viés da Psicologia Social Sócio-Histórica é de onde parto para analisar uma parte especialmente curiosa da interação humana, a saber: esta capacidade de linguagem e mais especificamente a linguagem dita “chula” dos palavrões.

Considerando o contexto atual onde este trabalho é produzido – uma sociedade grandemente colonizada em seus pensamentos, grandemente baseada em morais judaico-cristãs como a brasileira, e que portanto ainda naturaliza dogmas pregados por esta corrente mitológica tais como “não dizer palavrões” – é que aplico as noções sócio-históricas de pensamento: como veremos mais adiante no trabalho, tento levantar e compreender quais podem ser os significados do palavrão mediante categorização dos verbetes extraídos

do “Dicionário do Palavrão e termos afins”, de Mário Souto Maior, editado pela primeira vez nos anos 70.

Mas por ora, observando o ato de ser humano e sua produção de vida material como processo histórico e em permanente movimento, como ser biopsicossocial por definição e visando a cobrir tantas dimensões quanto possíveis deste fenômeno complexo que é a vida humana, apresentarei brevemente as bases *biológica*, *linguística* e *psicológica*, cuja separação é meramente didática e nos servirá como tentativa de traçado histórico para a compreensão da origem do(s) significados(s) que o palavrão no geral tem ainda hoje.

2.1. BASE BIOLÓGICA

Pensando sobre a linha histórica dos estudos sobre o ser humano, a questão biológica foi das primeiras a serem abordadas. A Biologia é parte importante para nossa produção no mundo: é com o nosso corpo físico que conseguimos produzir vida, tanto pessoal quanto socialmente.

A vida produzida nos primórdios da espécie implicava em observar a realidade objetiva e triá-la entre as categorias “segurança” e “perigo”, por assim dizer. O ser humano precisou ater-se ao fato de que, em um primeiro momento, fenômenos da natureza *são* ou *não são* nocivos à sua vida, por exemplo: muito objetivamente, algo no mundo representava ou não perigo iminente *via de regra*.

“Sem essa fixação [de categorias], o homem não conseguiria avaliar o que lhe é favorável ou que é ameaça ou prejudicial a ela e ao seu grupo, dificultando a sobrevivência da espécie”. (KAHHALE e ROSA, 2009, p.28).

Epistemologicamente falando, este é o chamado “princípio da identidade”, em que um fenômeno na base material é, o que está representando em determinado momento é o que o define estruturalmente. Mas por muito tempo este modo de pensar,

“(…) priorizou e estabeleceu como referência a circunstância da permanência e estabilidade, que foi absolutizada ao longo da história da humanidade.” (KAHHALE e ROSA, 2009, p.28).

Ocorre que, dando um salto de séculos no pensamento humano, notamos que ainda hoje o princípio da identidade é seguido à risca inclusive na observação de um processo tão movimentado e complexo como a vida humana.

Mesmo com a possibilidade do eventual “estabelecimento de outro princípio orientador do pensamento, o princípio da contradição” que permitiu ao ser humano conceber “o movimento contraditório do real e das relações humanas”, parte do pensamento científico ainda em voga tenta enquadrá-las em conceitos estanques do ponto de vista da complexidade humana.

Considerando no campo da Biologia o estudo da fisiologia humana em particular, sabemos da grande proximidade da Psicologia com o que hoje chamamos Neurologia desde o século XIX com Wundt, que então estudava uma Psicologia Fisiológica em seu laboratório experimental em Leipzig, Alemanha.

Rememorando assuntos em História da Psicologia, imaginei como seria visto um ser humano qualquer particularmente durante uma fase colérica em cada tempo histórico: Wundt e seus contemporâneos provavelmente o veria como alguém que não consegue se adequar a seu ambiente, e também provavelmente reproduziria ideologias a depender do gênero do ser humano em questão. Para Wundt ele mesmo, talvez estes momentos de ebulição emocional, estes comportamentos “explosivos” puramente fossem consequência de interações fisiológicas.

Aliás, exatamente por termos desenvolvido a capacidade de fala, na humanidade um episódio de “pavio curto” é algo geralmente reprimido por si só: nossa espécie é reconhecida, se não sempre então com frequência, por recorrer à fala e ao diálogo mais do que aos socos e pontapés em situações de conflito. Com mais frequência do que não, são as mulheres as que historicamente mais ouvem reprimendas por tão pouco como elevar a voz – e o são mais ainda quando falam palavrões.

A fala – antes no geral, hoje aquela temperada, controlada – é o carro-chefe de nossa evolução, afinal: para Darwin (1982), a linguagem é um importante fator para a evolução humana.

Maturana (2002) concorda quando diz que “a história do cérebro humano está relacionada principalmente com a linguagem”. Mais além, o autor e biólogo destaca que “o peculiar do ser humano não está na manipulação, mas na linguagem e no seu entrelaçamento com o emocional” (p. 19).

Então temos que as concepções sociais no contexto histórico atual nos “aconselham” a utilizar a conversa para mediar tais situações nervosas e, assim, chegar ao produto menos oneroso a ambas as partes envolvidas de modo não-violento, literalmente *civilizado*.

Mas é frequente ocorrer que a emoção, ainda que peculiarmente entrelaçada com a linguagem (algo racional em teoria) simplesmente emerja. Frequentemente ocorre que as sinapses produtoras da razão não aconteçam a tempo de suprimir reações digamos, não civilizadas. É precisamente neste momento que, em nossa civilização ocidental e de base predominantemente judaico-cristã, e apesar de todo o conhecimento construído e de todas as regras morais de convívio socialmente instituídas que seguimos, soltamos um palavrão.

E, embora nos sintamos desconfortáveis socialmente, internamente nos sentimos aliviadas/os. Este alívio, esta alteração de uma emoção intensa para uma mais tranquila é, para Maturana (2002) também uma mudança de nosso repertório disponível de comportamentos. Para o biólogo “quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação”, sendo que “quando estamos sob determinada emoção, há coisas que podemos fazer e coisas que não podemos fazer.” (p. 15). Ou seja, pode-se dizer que fiquemos mais tolerantes depois de soltar um palavrão e que comportamentos fisicamente combativos venham a ser desconsiderados, ainda que valores socialmente construídos nos advirtam contra tal fala facilitada pelo alto pico de estresse.

Do ponto de vista de sobrevivência da espécie fica claro que a possibilidade de transgredir verbalmente pode ter ajudado ainda mais a condição de sobrevivência e domínio da espécie humana na base material – sim, porque deixamos de nos causar danos físicos a nós mesmas/os a um nível considerável se não completamente.

A capacidade de simbolizar e veicular ideias socialmente mantidas como não agradáveis pode ter sido evolutivamente selecionada, pois, em um primeiro momento da espécie, a integridade física era mais importante de se manter do que a psicológica.

E continuando a considerar que este estresse determinante para a emissão de palavrões em potencial certamente tem sua dimensão biológica, é necessário lembrar de uma condição biológica que está lado a lado com a Psicologia e a Psiquiatria desde o século XIX: a Síndrome de Tourette.

O próprio Freud, como neurologista de formação, chegou a conviver em Salpêtrière com o ainda interno Gilles de La Tourette e com Charcot. Segundo Hounie e Petribú (1999), foi depois de observar os registros de Tourette que Charcot passou a classificar os “tiques” observados à época como “tiques histéricos” – portanto suprimíveis por Freud e sua sugestão hipnótica – ou “tiques neurológicos”, tidos como os “verdadeiros”, que eram permanentes e estavam sob o diagnóstico da Síndrome de Tourette (p. 51).

Eis que, entre os tiques neurológicos observados, estavam tiques motores ou verbais: os verbais hoje são classificados entre *palilalia* (ou repetição de palavras), *ecolalia* (reprodução de palavras ouvidas no ambiente) e *cropalalia* (utilização frequente de palavras tidas como obscenas).

Sabe-se que hoje, para a Psiquiatria e Neuropsicologia, o que nos impede de exercer a nossa crítica na intenção de “segurar” os palavrões é uma afecção da região dos *gânglios basais* ou *núcleos da base*, região do sistema límbico que possibilita planejamento e avaliação prévia de ações sociais potencialmente danosas às relações entre outros comportamentos.

Assumindo que esta seja a condição e sem pretensões de estender o que deve ser uma breve base, devemos também ir além das aparências diagnósticas e considerar o que afinal fica enquadrado como socialmente agravante no quadro de Tourette: o fato de não conseguir “segurar” determinadas falas ou a representação que se tem sobre *quais* falas que não podem ser impedidas? Será que tal representação também depende de quem é a/o diagnosticada/o?

Tendo abordado a questão da fala, vejamos como se dá a observação dos palavrões na ciência especificada em palavras no geral: a Linguística.

2.2. BASE LINGUÍSTICA

Falando em “quadros socialmente agravantes” e uma vez que os palavrões, assim como variados conceitos e conteúdos culturais são tidos como *tabus* e a partir de uma concepção naturalizada “não devem” ser abordados, é válido delinear brevemente a origem da noção de “tabu”.

A ideia de “tabu” segundo Bueno e Orsi (2014) tem sua origem na palavra polinésia *Tapu* “que significava tudo o que era sagrado, mas também proibido” (p. 5).

“(…) por exemplo, os sacerdotes dos reis e próprios reis sofriam tabu por representarem o divino na Terra. Essas pessoas representavam o poder de alguma forma, portanto, também representavam o desconhecido, e isso causava temor nas outras pessoas além de neles próprios. O tabu em torno dessas pessoas era tão grande, que havia casos em que essas pessoas não poderiam ser tocadas ou [ter] seus nomes pronunciados, pois isso representaria alguma forma de maldição para quem fizesse tais atos. Então, para esses atos que representavam maldições para quem os fizesse, criava-se um meio para que não fossem feitos, para que as pessoas mantivessem o medo.” (Bueno e Orsi, 2014, p. 5).

O lugar de ser a personificação de todo o medo da população era provavelmente difícil para estes sacerdotes e reis, mesmo com toda a autoridade e poder que possuíam. Apesar de figurarem em teoria também como “o divino na Terra”, o poder desconhecido que este lugar lhes conferia era o fator destacado pelas/os súditas/os: reis e sacerdotes representavam, sobretudo, o que havia de mais proibido, potencialmente perigoso e adverso para quem ousasse lhes confrontar nestas capacidades.

Provavelmente estava no imaginário das/os súditas/os que exatamente por serem divinos – sobre-humanos – reis e sacerdotes poderiam sem esforço desvelar e escancarar as concepções e emoções de quem quer que os desafiasse, de modo que poderia ser também constrangedor confrontar tais autoridades. É imaginável que tais concepções poderiam no mínimo isolar as figuras divinas de muitos convívios sociais, por exemplo, uma vez que todos preferiam evitar quaisquer possibilidades de ser invadidos nas partes mais íntimas de sua composição – seus sentimentos. Poderiam ser os prenúncios também da discriminação pelos tabus.

Mas esta é a dimensão da experiência “daqueles que eram tabuizados”. Do ponto de vista das/os súditos que precisavam respeitar tais construtos sociais, a iminência de quaisquer tipos de maldição ao simples som

de uma palavra deveria ser insuportável – sem mencionar os possíveis céticos quanto à lei: aqueles que precisavam transgredir e comprovar, “ver para crer”.

Qual seria a sensação de transgredir, de mencionar o *divino na Terra* e sair ileso/o? Conhecer está na raiz filogenética do ser humano como já vimos, então por que suprimir a necessidade de conhecimento de mais esta dimensão da crença?

Diferentes daqueles tempos onde determinadas situações eram consideradas tabu e evitadas sem caracterizações específicas, hoje – pelo menos no que diz respeito à área das linguagens – Santaella (1983) mostra que “(...) existem duas ciências da linguagem. Uma delas é a Linguística, ciência da linguagem verbal. A outra é Semiótica, ciência de toda e qualquer linguagem.” (Santaella, 1983, p. 7).

Então quer dizer que os tabus, mais especificamente aqueles que podem ser *verbalizados*, podem ser estudados em sua morfologia, etimologia, estrutura de escrita e afins pela Linguística, e também podem ser estudados desde a significação que carregam em conjunto com outros modos de linguagem – desde o ponto de vista de a que linguagem servem, em qual contexto, a quem são comunicados e de que forma, entre outras formas.

Mas apesar de a Linguística ser a base principal de literaturas deste trabalho, Santos e Costa (2013) também diz da dificuldade de investigação e afirma que temas como os tabus linguísticos permanecem inexplorados ou pouco pesquisados “devido a talvez uma ‘inexpressividade linguística’ de determinados fenômenos” (p. 331). Para o autor, tal fenômeno, pelo menos dentro do campo da linguística, se dá em cima de julgamentos feitos “por uma mentalidade preconceituosa que ainda não permitiu pesquisadores olharem de forma mais ampla para os mais corriqueiros, e não menos complexos, processos comunicativos” (p. 332).

Bem fundamentado o tabu em suas causas ou não, o fato é que o campo que mais pesquisa atualmente sobre os tabus verbais, sobre os palavrões, é o campo da linguística, área do conhecimento em que mais me apoio para sistematizar a literatura para a minha investigação. E mesmo a linguística precisa produzir mais sobre o assunto conforme mostra Mattoso

(1996); o autor relata como a sociedade brasileira já conhecia palavrões ultrapassados em “1600-e-cacetada”, e que “se dependesse dos lexicógrafos ‘oficiais’, de Bluteau a Morais, de Cândido de Figueiredo a Laudelino Freire, de Aulete a Aurélio” eles nunca integrariam o vernáculo oficialmente. (Mattoso, 1996, p. 2).

Mas mais recentemente e diferente do que Mattoso retratava nos anos 90, ainda sobre dicionários e afins, Bueno e Orsi (2014) mostram que o campo da Lexicografia (ciência que estuda os dicionários) está hoje “mais amplo, pois muitos linguistas observaram a importância” desta ciência. Frequentemente ao lado da Lexicografia está a Lexicologia (ciência que estuda o conjunto de palavras de um idioma), que “busca problematizar questões sobre o léxico” e trazer ideias “sobre a relatividade do conceito de palavra e sua definição”.

Mostra-se a possibilidade então de, neste estudo desde a Psicologia Sócio-histórica, observar as mediações entre estas dimensões dos tabus verbais – a verbalizada e os signos que ajudam a compor a tabuização dos palavrões, as dimensões dos palavrões em seu processo, sem cisões que por vezes dificultam a observação e a apreensão de tal fenômeno da comunicação humana.

Pode-se assim, da forma mais fiel possível aos acontecimentos da vida social, refletir em cima dos significados que o palavrão pode ter na sociedade brasileira através da análise de um dicionário em específico (o “Dicionário do palavrão e termos afins”, de Mário Souto Maior) inspirada na Lexicografia, mas mostrando que não é necessário cindir o processo da linguagem para compreendê-lo.

Vejamos agora a base psicológica em sua breve história, e também como a Psicologia Social Sócio-histórica de Vygotsky pode subsidiar os estudos sobre palavrões desde uma observação dinâmica, dialética e histórica.

2.3. BASE PSICOLÓGICA

Na história da humanidade,

“(…) a distinção entre o que é da ordem natural e o que é da ordem social/humana existiu desde a ‘humanização do homem’, mas só pode ser claramente percebida a partir de determinadas condições e relações sociais.” (KAHHALE e ROSA, 2009, p. 39).

Nesta história evolutiva, o que tornou do ser humano “humano” foi um marco no seu modo de vida. Passou a emitir sons articulados que mediavam as relações entre sua subjetividade e o ambiente externo e os que nele também habitavam, de modo que estes sons gradativamente se espalharam pelo(s) agrupamento(s) da espécie: o ser humano tornava-se cada vez mais sociável, tanto com o ambiente externo e os outros elementos humanos quanto consigo mesmo.

Alguns séculos mais tarde, entre XVII e XVIII, a chamada “Revolução Científica” traz acontecimentos fundamentais para a forma de pensar humana. É sabido que, com a possibilidade de se saber em uma “condição de saturada sociabilidade”, tem lugar um novo modo de produzir e comunicar ideias que se dará no modelo científico moderno (Kahhale e Rosa, 2009).

E com os novos modos de pensar, surgem também novas questões no processo sempre movimentado que é o pensamento humano.

Bock, *et al* (1999) nos conta sobre a Psicologia e seu caráter de área principalmente científica do conhecimento um pouco mais adiante nesta época, durante o século XIX. Científica no sentido de prática e técnica, pois o processo de industrialização estava acontecendo em larga escala e transformando as relações de produção, de modo que

“a ciência deveria dar respostas e soluções práticas no campo da técnica. Há, então, um impulso muito grande para o desenvolvimento da ciência, enquanto um sustentáculo da nova ordem econômica e

social, e dos problemas colocados por ela.” (BOCK, *et al*, 1999, p. 37).

Durante este século é que surgem também as primeiras investigações dos temas psicológicos feitas por profissionais da Fisiologia e da Neurofisiologia – são as bases biológicas novamente na vanguarda dos estudos sobre o humano como já dito anteriormente, trazendo teorias formuladas principalmente em cima do sistema nervoso central e dele como sendo produtor de pensamentos e sentimentos humanos.

E é neste impulso inicial direcionado à construção das bases técnicas de que necessitava a indústria capitalista que ganha formas mais robustas (Bock *et al*, 1999), neste âmbito em que já vigoravam a Psicofísica de Fechner-Weber e a Psicofisiologia de Wundt que, no final do século, nasce e posteriormente atua Lev Vygotsky.

2.4. A PSICOLOGIA DE VYGOTSKY

Nascido na Bielorrússia de 1896 e em plenos inícios do fazer psicológico na Europa, Vygotsky cresceu em uma família suficientemente culta e embora fosse conhecer o mundo da universidade somente a partir de 1914, foi muito estimulado pela riqueza intelectual de seu ambiente domiciliar desde cedo. Coursou faculdades como Filosofia, Medicina e Direito além de Psicologia.

Teve como contemporâneos teóricos como os behavioristas John Watson e Ivan Pavlov e pesquisadores da chamada Psicologia do Desenvolvimento, como Alexander Luria, Alexei Leontiev e Jean Piaget.

Tendo este cenário como pano de fundo para sua produção, é lógico o apontamento a seguir sobre o interesse de Vygotsky em linguagem refletir um interesse em comum com os psicólogos de seu tempo:

“(..) o enfoque de Vygotsky sobre a relação entre linguagem e pensamento reflete seu interesse, juntamente com colaboradores do início do século XX, em elaborar uma psicologia que, coerente com os pressupostos marxistas e, sem descartar a consciência (também um conceito central no materialismo dialético), pudesse superar a

dicotomia entre o determinismo reducionista do behaviorismo metodológico (de Watson e Thorndike) e o indeterminismo ou determinismo endógeno das correntes mentalistas e nativistas da época. Em outras palavras, tratava-se de elaborar uma teoria marxista do funcionamento intelectual humano, entendendo-se esse funcionamento e os processos mentais superiores que o caracterizam como produtos das condições sócio-históricas e materiais de existência, derivados das relações dos homens entre si e com a natureza” (Del Prette e Del Prette, 1995, p. 153-154).

Interesse este pelas investigações somente em cima do desenvolvimento humano, como podemos ver, visto que Vygotsky parecia não concordar com as visões em certa medida cindidas sobre o pensamento e afeto humano daqueles tempos técnico-científicos; para ele o ser humano não era só biologicamente determinado nem trazia as respostas completas para tudo encerradas dentro de si. Seu interesse maior era, então, propor uma teoria psicológica que fugisse de qualquer unilateralidade: tanto do determinismo reducionista do behaviorismo quanto das teorias estruturalistas e nativistas da psicodinâmica já em voga na época.

O proposto foi pensar o ser humano, no início e especialmente como ser dotado de “funções superiores” como linguagem e pensamento e seu desenvolvimento a partir de uma concepção materialista histórico-dialética: para ele, nós desenvolvemos funções superiores apreendendo o mundo *enquanto* o transformamos, não nascemos prontos ou somos meramente “empurrados” por nossa dimensão filogenética. Isto é, somos resultado da *dialética* entre potências biológicas e experiências culturais – somos resultado das relações complexas que medeiam nossas porções biológica, histórica e cultural na base material em que estamos inseridos.

Como já dito, Vygotsky preocupava-se em um primeiro momento com qual seria a relação entre o pensamento e a palavra nos primeiros estágios do desenvolvimento filogenético e ontogenético. Em sua obra *Pensamento e Linguagem* (2001) o autor, ainda que estivesse partindo de teorias já consagradas como as de Jean Piaget e Wilhelm Stern, relata que “(...) o início do desenvolvimento do pensamento e da palavra, período pré-

histórico na existência do pensamento e da linguagem, não revela nenhuma relação e dependência definidas entre as raízes genéticas do pensamento e da palavra.” (p. 395).

Para Kohl (2006) “a invenção e uso de signos como meios auxiliares dos processos psicológicos é análoga à invenção de instrumentos na evolução biológica humana”. A base material, então, também é de suma importância para a criação e manutenção dos signos, assim como foi para os primeiros instrumentos.

Fato é que hoje conseguimos, por exemplo, desenhar uma figura de vestido e outra de calças em duas portas diferentes e incluirmos “W.C.” próximo a estes signos; é seguro dizer que quase todo o ser humano minimamente maduro em seu desenvolvimento, falante de qualquer idioma, poderá extrair o significado de “banheiro feminino” ou “banheiro masculino” do fenômeno analisado a depender da porta que observar (KOHL, 2006).

Sobre as relações sociais, Vygotsky conclui que:

“(…) estas relações, incógnitas para nós, não são uma grandeza primordial e dada antecipadamente, premissa, fundamento ou ponto de partida de todo um ulterior desenvolvimento, mas surgem e se constituem unicamente no processo do desenvolvimento histórico da consciência humana, sendo, elas próprias, um produto e não uma premissa da formação do homem”. (VYGOTSKY, 2001, p. 395).

A linguagem para Vygotsky não é, pois, uma consequência do pensamento ou uma capacidade cognitiva geral de representação como acreditava Piaget, mas sim um fenômeno emergente no contexto das práticas sociais como instrumental do psiquismo humano (SMOLKA, 1993).

Assim, para Vygotsky um palavrão seria fruto tanto da subjetividade quanto das relações sociais mantidas por quem o utiliza: seria nada mais que outra palavra, tendo como todas as outras uma carga de significados que é veiculada através de seu uso e um sentido, tanto para quem usa quanto para quem ouve – sentido este que depende de sua subjetividade e do contexto histórico em que se encontra. O teórico, em seu pensamento, daria prioridade à

observação da pessoa que faz uso, das relações mediadoras do sentido subjetivo produzido e do significado social da palavra de baixo calão sobre observar a “palavra em si mesma” – mais que somente o som vazio se separado de seu significado e de quem a veicula.

A seguir, o método inspirado pelo pensamento e teoria vygotkianos aqui no Brasil e utilizado como base desta análise.

3. METODOLOGIA

*A linguagem não serve como expressão de um pensamento pronto.
Ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica.
O pensamento não se expressa, mas se realiza na palavra.*

(VYGOTSKY, 2001, p.412)

3.1. PRINCIPAIS CATEGORIAS TEÓRICAS DO MÉTODO SÓCIO-HISTÓRICO

Para delineamento do método aqui utilizado, é necessário apontar que esta foi uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e de tipo documental.

É necessária também uma breve retomada de alguns aspectos “teórico-metodológicos especialmente desenvolvidos por Vygotsky, como: a importância de um método materialista dialético”, já mencionado anteriormente, e categorias como “historicidade”, “pensamento” e “linguagem”, “mediação”, “significado” e “sentido”. (AGUIAR e OZELLA, 2006).

Iniciemos a exposição com a categoria de historicidade: a corrente sócio-histórica, desde a perspectiva materialista histórica e dialética que adota como base, “apreende o movimento de transformação da realidade numa perspectiva histórica, isto é, analisando o processo histórico de ação dos homens na construção do real” (KAHHALE e ROSA, 2009, p.31).

O homem é, então, um processo desvelado enquanto sujeito singular e plural à medida que tem em si características diretamente relacionadas com seu tempo histórico e seu contexto social além de seus traços subjetivos.

“(…) falamos de um homem constituído numa relação dialética com o social e com a História, sendo, ao mesmo tempo, único, singular e histórico. Esse homem, constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência revela – em todas as suas expressões -, a historicidade social, a ideologia, as relações sociais, o modo de produção.” (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 224).

Sabendo a visão de homem adotada pela teoria sócio-histórica, um humano determinado em sua existência por relações dialéticas, históricas e sociais da materialidade, podemos seguir para a categoria de mediação. Sobre ela dizem os autores supracitados que

“O uso dessa categoria nos permite romper as dicotomias interno-externo, objetivo-subjetivo, significado-sentido, assim como afastar-nos das visões naturalizantes, baseadas numa concepção de homem fundada na existência de uma essência metafísica. Por outro lado, possibilita-nos uma análise das determinações inseridas num processo dialético, portanto não causal, linear e imediato, mas no qual as determinações são entendidas como elementos constitutivos do sujeito, como mediações.” (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 225).

A noção de mediação é categoria fundamental na análise sócio-histórica justamente porque facilita que evitemos cisões desnecessárias à compreensão do processo que é a vida humana em sua totalidade. A mediação traduz-se então não só como mera condição para que o sujeito possa manifestar-se e agir no mundo, mas como uma organizadora destas relações subjetividade-objetividade em que dialeticamente se constituem e se transformam o humano e o mundo. (AGUIAR e OZELLA, 2006).

Esta função de organização das relações é descrita em uma relação específica por Aguiar et al (2009) quando dizem que “o que faz a mediação na relação entre pensamento e linguagem é *o significado*” (p. 55, grifo meu).

Nesta linha, ressaltando a historicidade e a dialética do ser humano no processo de sua totalidade, observamos que também as categorias de pensamento e linguagem exercem funções de mediação dos eventos psicológicos subjetivos – tanto na relação da subjetividade com a dimensão social de seu contexto histórico quanto da subjetividade com ela mesma.

É por meio do pensamento e da linguagem que podemos desenvolver as funções superiores e nos tornar capazes de representar fenômenos psicologicamente através desta mediação – e destas representações *fazer sentido*.

Sendo então facilitadas/os pela dimensão social da base material, fomos construindo coletivamente os signos para a comunicação social destas representações subjetivas ao mundo: isto é, depois de internalizar os instrumentos presentes na base material pudemos, com a ajuda das relações sociais, compartilhar os sentidos subjetivos e construir com eles significados sociais e outros sentidos subjetivos (AGUIAR et al, 2009; AGUIAR e OZELLA, 2006).

O pensamento, este evento psicológico em específico, “engloba vários outros processos, dentre os quais a memória, a cognição e o afeto, porém não se confunde com eles”. Portanto, o pensamento também não é simplesmente veiculado, in-formado na fala: para Vygotsky (2001), “o pensamento não se expressa, mas se realiza na palavra” (p. 412).

Dessa forma, considerando que as relações subjetividade-objetividade não são contatos de sobreposição entre a dimensão subjetiva e a objetiva, reitera-se que a fala – linguagem, por sua vez, é construída social e historicamente, com signos compartilhados pelos elementos participantes da cultura:

“O indivíduo modifica o social, transforma o social em psicológico e, assim, cria a possibilidade do novo. Isso posto, podemos afirmar que a linguagem seria o instrumento fundamental nesse processo de constituição do homem. ‘Os signos, entendidos como instrumentos convencionais de natureza social, são os meios de contato com o mundo exterior e também do homem consigo mesmo e com a própria consciência.’” (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 225).

O ser humano utiliza-se de palavras – signos sociais – para comunicar-se com a comunidade em que está inserido e também consigo mesmo. Palavras são o principal meio de transformação da base material enquanto ela transforma o humano, de modo que pela palavra ele transmite, como já dito, afetos, ideologias, convenções tanto subjetivas quanto sociais e pensamentos e sentidos que emergem em sua consciência à menor estimulação verbal.

Através do signo social é construído o *significado* – também resultado da mediação entre linguagem (interação com a base material, com a dimensão social) e pensamento (que se dá na dimensão subjetiva).

“Os significados são, portanto, produções históricas e sociais. São eles que permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências. Muito embora sejam mais estáveis, “dicionarizados”, eles também se transformam no movimento histórico, momento em que sua natureza interior se modifica, alterando, em consequência, a relação que mantém com o pensamento, entendido como um processo.

Os significados referem-se, assim, aos conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades.” (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 225).

Isto é, os significados, essenciais na comunicação humana com sua comunidade social, são socialmente construídos e mantidos; há ainda a adesão da dimensão subjetiva de cada elemento do coletivo na manutenção destes significados, de modo que é importante notar que eles permanecem em movimento: utilizando a última grande publicação brasileira sobre palavrões e notando que ela foi produzida nos anos 70, vale lembrar que muitos destes vocábulos podem ter caído em desuso com o passar dos anos, por exemplo.

Tendo isto em mente, e também que da união dos principais significados sociais em voga é que são feitos os dicionários, o objetivo deste trabalho foi categorizar os vocábulos de um dicionário: os palavrões e termos afins foram observados em sua categoria – vocabulário socialmente considerado chulo no contexto do Brasil dos anos 70, posteriormente reagrupados em núcleos de significação e só então reanalisados segundo as noções que podem passar dentro do contexto histórico e social em que a obra foi produzida.

3.1. ETAPAS DO MÉTODO SÓCIO-HISTÓRICO

Baseado nas categorias acima, o método de pesquisa qualitativa por núcleos de significação em cima de um texto tem a prioridade em apreender o

sujeito que utiliza do discurso levantado tendo como principal base nesta apreensão os significados ali aparentes.

Como base para coleta dos dados discursivos usei a obra de Mário Souto Maior (2010), o Dicionário do Palavrão e Termos Afins; conforme destaca Gilberto Freyre no prefácio à primeira edição deste dicionário, Souto Maior não pretende apenas destacar salacidades de modo enfático usando para isso o rótulo de estudo.

Também é verdade que Souto Maior (2010) não aprofunda os termos por ele levantados e publicados, que os descreve linearmente quanto ao seu significado, à sua ocorrência geográfica e eventuais situações e fontes bibliográficas que os exemplifiquem. Tal como é atribuição dos dicionários, aliás.

E é na tentativa de aprofundar também as noções sobre estes verbetes, palavrões e afins – aprofundamento possível da área da Psicologia Social Sócio-histórica – que apresento agora as etapas da investigação que foi feita.

A primeira etapa para chegarmos aos núcleos de significação é o estabelecimento de pré-indicadores após uma leitura flutuante, e desde esta primeira leitura nunca se deixa de levar em conta o contexto em que se dá o discurso – a produção do dicionário, “desde a narrativa do sujeito até as condições histórico-sociais que o constituem” inclusive (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 230).

Depois do levantamento destes chamados pré-indicadores seguinte às primeiras leituras do documento, foi possível fazer uma análise das contradições e das semelhanças entre os indicadores, na tentativa de organizar os temas emergidos e delinear os futuros núcleos de significação.

Quanto à seleção do conteúdo analisado, destaco que como o objetivo do trabalho é compreender o significado dos palavrões levantados e o significado é necessariamente construído em cima tanto da palavra (vocábulo) utilizada quanto da noção que ela veicula (significado social e possíveis sentidos subjetivos), não separei a palavra literal da noção/conteúdo a que ela remete.

Os temas mais frequentemente observados, extraídos sem tentar compreender o *léxico utilizado* (palavras literais) para veicular o conteúdo chulo separadamente do próprio conteúdo, em leituras prévias do dicionário foram:

- Relações sexuais;
- Análogos à relação sexual (masturbação);
- Fluídos corporais humanos;
- Homem;
- Mulher;
- Partes do corpo femininas;
- Partes do corpo masculinas;
- Relacionamentos legalmente oficializados;
- Relacionamentos legalmente “ilegítimos”;
- Relacionamentos homoafetivos;
- Temática religiosa;
- Temática política (personalidades políticas, governamentais, militares);
- Conteúdo militar (patentes, disciplina militar, comportamentos “forçados”);
- Nomes próprios;
- Locais civis de moradia/estadia (casa, casebre, barraca);
 - Plantas;
 - Móveis e relacionados;
 - Utensílios de cozinha;
 - Ferramentas de trabalho braçal (de ambiente mecânico ou rural);
- Profissões;
- Animais;
- Medo/insegurança;
- Vestimenta;
- Comida;
- Nível socioeconômico;
- Doenças
 - Sexualmente Transmissíveis;

- Intestinais;
- Do sistema reprodutor;
- Estabelecimentos comerciais físicos “impróprios” (considerados de baixo calão);

Posteriormente, os temas foram aglutinados de modo a manter a fidelidade das noções associadas segundo suas semelhanças e então reagrupados nos seguintes núcleos de significação:

- Referência à mulher;
- Referência ao homem;
- Situação de relacionamentos;
- Partes do corpo humano;
- Conteúdos análogos ou relacionados à cópula humana;
- Conteúdo escatológico;
- Orientação sexual e/ou performance de gênero;
- Relacionado à profissão do sexo;
- Relacionado a outras profissões;
- Conteúdos religiosos;
- Comida;
- Sentimentos/emoções;
- Doenças;
- Ambientes físicos;
- Instrumentos de trabalho ou utensílios domésticos;
- Uso com fins de exagero, exclamação;
- Vestimenta;
- Conteúdos análogos ou relacionados a animais.

Os verbetes foram ainda classificados quanto ao local de uso à época de pesquisa e escrita do dicionário por regiões do Brasil (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul) além de internacionais. Quando o local de uso não era indicado, foi registrado o(s) local(is) da edição de onde foi retirado o verbete e/ou o exemplo dado por Souto Maior (2010) em cada um. Há ainda verbetes que não tinham seu local explicitado, de modo que foram

descartados da análise por não ser possível enquadrar seu contexto sócio-histórico.

É importante destacar que, uma vez que considera-se neste método a linguagem como processo em constante movimento, é possível que algumas das expressões já tenham caído em desuso ou ainda tenham produzido derivadas/análogas com o passar do tempo em cada região.

Destaco ainda que, em razão do pouco tempo para uma análise mais aprofundada de todos os núcleos de significação construídos, foram selecionados para análise e desenvolvimento apenas aqueles que facilitassem uma visão da configuração das relações de gênero colocadas à época (Referência à mulher; Referência ao homem; Situação de relacionamentos; Orientação sexual e/ou performance de gênero).

Na sequência a apresentação do que podem nos dizer os núcleos sobre possíveis significados dos palavrões.

4. POSSÍVEIS SIGNIFICADOS DOS PALAVRÕES

“Entendemos que [o palavrão] seja o único remédio para se evitar prisão de ventre psíquica: um vômito natural e violento pelo qual o homem, a mulher e a criança evitam a indigestão e a congestão psicossomática, causadoras de complexos ou doenças da alma.”

(Gerson Alves Milanez, professor e documentarista)

É importante reiterar que este trabalho adota o palavrão como uma dimensão de qualquer idioma, aqui mais especificamente do idioma português brasileiro, seguindo o adotado na obra de Souto Maior (2010); assim, o objeto de análise aqui é, mais do que apenas verbetes específicos, o sujeito que faz uso deles em seu modo de comunicação. Esta forma específica de linguagem verbal nos ajudará a observar o sujeito usuário de palavrões na “totalidade de seus processos constitutivos” – e, de forma dialética, também será possível tecer comentários sobre o próprio vocabulário classificado como chulo ou de baixo calão.

É igualmente importante saber que as referências consultadas por Souto Maior à época de sua pesquisa variam muito quanto à data: as publicações brasileiras variam de 1905 a 1978, sendo que as mais antigas são da região Norte e as mais atuais e frequentes da região Nordeste seguida do Sudeste – fato que também pode explicar o porquê de verbetes registrados no Nordeste serem tão mais frequentes nos núcleos de significação apontados a seguir.

O fator do tempo pode certamente ter influenciado o registro de Souto Maior à época, e também influenciará esta análise em alguma medida: o movimento das significações, em consequência das mudanças da linguagem, é um processo em constante movimento de modo que há mudanças acumuladas ao longo dessas transformações.

Agora, em uma retomada das categorias brevemente explicitadas no método, a intenção de receberem este foco é “(...) destacar a inserção dessas categorias (linguagem, pensamento, significado e sentido) na totalidade dos

processos constitutivos do sujeito e a importância delas para a apreensão do humano.” (AGUIAR et al, 2009, p. 60).

Mais adiante observaremos, então, a apreensão do humano, produto das relações entre todas estas categorias, a partir dos verbetes extraídos do Dicionário e trabalhados em análise.

Temos de levar em conta, ainda, o contexto em que a pesquisa de Souto Maior tinha lugar: o Brasil dos anos 70.

Um ambiente de auge e também descobertas: auge do regime ditatorial militar – e também de todo o material considerado “subversivo”, auge da indústria tabagista que à época investia em superproduções que chamava de comerciais de tevê – surgimento da própria tevê em cores no Brasil – das pornochanchadas e do ganho de força do movimento de “revolução sexual” no Brasil só para citar alguns eventos.

É nesta década dos anos 70 que se dá o trabalho de pesquisa de Mário Souto Maior no nosso país. Embora o escritor tenha pesquisado desde meados dos anos 60, o “Dicionário do palavrão e termos afins” só foi concluído em 1974, para ser publicado somente em 1980 e reeditado pela última vez em 2010, edição analisada neste trabalho.

Os próprios intervalos de tempo entre a conclusão dos registros pelo escritor e a publicação do material podem ser dados interessantes de olharmos mais de perto: é Fernando Lyra, na apresentação da edição de 2010 do Dicionário, que relembra que “a esse trabalho, Souto Maior dedicou quase dez anos de pesquisa. Tempo que levou para prospectar e catalogar como verbetes mais de quatro mil palavras e locuções”.

E embora não vá ser utilizado em análise mais profunda neste trabalho, levando em conta o contexto de produção em que Souto Maior estava inserido, vale a pena destacar uma temática importante daquele contexto histórico e que aparece com frequência no Dicionário: a utilização de referências a assuntos militares ou políticos – como em “anistiar um rebelde” (Sul e Sudeste), para o ato de praticar pederastia passiva, em “guarda nacional” (Nordeste), para designar filhos ilegítimos naturais, em “Figueiredo”

ou “Fidel Castro” (Nordeste) em designação ao ânus, ou ainda em “fazer um presidente” (Centro-oeste e Sudeste) para o ato de copular.

Pode-se observar, por mais este viés de estudo, o quanto a pessoa brasileira observada por Souto Maior estava, em quase todo o Brasil, grandemente influenciada pelos tempos de forte repressão militar da época.

Mas voltando aos principais conteúdos de análise: quais os principais pontos sobre como aparecem a mulher e o homem nos núcleos de significação organizados?

Quem se prostitui é a mulher. Em todos os vocábulos observados no núcleo “Relacionado à profissão do sexo” a figura trabalhadora era mulher. Há, em todas as letras, ao menos um palavrão ou termo afim que designe quem se prostitui – e em todas esta pessoa é a mulher. Na letra “H”, que conta com apenas 12 vocábulos registrados, dois deles são para designar a profissional do sexo (“Hetaira”, prostituta ‘elegante e distinta’, e “Horizontal” em referência à posição mais frequente de cópula).

A mulher, segundo o ambiente militarista da década de 70 juntamente com a ideologia majoritariamente moral e religiosa que é presente no país desde o “descobrimento”, era aquela que deveria ser pura, seguir à risca os cânones religiosos – frequentemente os de filosofia judaico-cristã – e cuidar de sua família nuclear. Aquelas que mesmo trabalhassem fora ou se engajassem relações sexuais somente pelo prazer da atividade ou como forma de renda eram vistas como párias, marginais à “sociedade de bem” e sujas de honra.

“Horizontal” hoje, também no mundo do trabalho especificamente, traduz uma ausência da hierarquia e uma coletivização dos espaços de trabalho em seus processos de gerência e manutenção dos meios de produção – pressupõe também mais autonomia e espaço à mulher que deseje trabalhar fora e ganhar seu próprio sustento; é interessante perceber como a ideia de uma mulher independente e com poder e espaço de fala equivalente ao do homem – equivalente, não *maior* – era tida à época de feitura do Dicionário como repulsiva ao nível de ser relegada à categoria dos mal-ditos. Mais estudos sobre os palavrões/locuções chulas sobre a mulher e o trabalho

poderiam ser interessantes para observar ainda melhor esta dimensão da mulher como tendo ou não espaço em seus ambientes de trabalho, e como (não) é configurado este espaço.

A região mais registrada como localidade de ocorrência dos vocábulos deste núcleo é a região Nordeste: o histórico da região é de coronelismo – corrente prática e ideológica política em que os coroneis, elite proprietária de terras em cidades do interior que controlava e detinha os meios de produção e que com frequência explorava e subjugava trabalhadores/as e especialmente mulheres, mesmo quando elas faziam parte de sua família. Pode ser que a significação observada através dos palavrões, de que a “boa mulher” tem lugar específico e submisso, decorra nos anos 70 e ainda hoje da ideologia desta prática do século XIX-XX.

Homossexual é o homem; homem de verdade é forte e viril. Outra ideologia ainda presente no Brasil de 2017. No núcleo “Relacionado à orientação sexual e/ou performance de gênero”, os significados frequentemente referem o homem com frequência gritantemente maior que a mulher nos palavrões deste núcleo, e o significado mais frequente diz que aquele que tem práticas homoafetivas é ofendido, está “do lado errado” de alguma forma. Observa-se isto em expressões como “invertido sexual” (termo dicionarizado no Sudeste), “afrescalhado” (de uso no Nordeste) ou “atracar de popa” (usado no Norte) em referência à única forma de penetração sexual possível ao homem – que é socialmente mal visto se praticar a posição e automaticamente classificado como indivíduo homoafetivo, sendo coletivamente mal visto “duas vezes”.

Em “afrescalhado” a significação é de que o homem que não desempenha ou demonstra a “forma de comportamento adequada a um homem”, é mais “afeminado” que o adequado de modo que não é forte ou aguenta muita coisa do ponto de vista afetivo-emocional (a mulher é fraca). O homem sob este rótulo também é delicado, menos “bruto”. Entende-se aqui que, também pelo Brasil todo, o homem que não manifeste a figura socialmente vista como adequada, é automaticamente visto como ofensivo e fraco.

O mesmo acontece no verbete “amulherar-se”, do mesmo núcleo, mas dois aspectos se destacam: a) não se esclarece o que se considerava como “tornar-se mulher” à época, mas observa-se que a pessoa brasileira dos anos 70 tinha como significado social que “tornar-se mulher” era algo errado, subversivo, *inverso ao comum*. Um conceito que aparentemente é “naturalizado” sob a égide do discurso opositor à prática homoafetiva, também em voga então; b) os palavrões que mais referenciavam orientação sexual ou performance de gênero (agir “como o homem” ou “como a mulher” deveriam segundo ideologias patriarcais) eram localizados no Sul e no Sudeste do Brasil.

Por enquanto o que é aparente é que a sociedade brasileira, e em específico aquela compreendida nas regiões Sul e Sudeste, encaixa-se no que hoje se considera sob as noções “machista” e “homofóbica” por reproduzir tais conceitos infundados – comportamentos através dos palavrões também ainda recorrentes atualmente.

O ato sexual e o específico desvirginar de uma mulher são violentos. Com frequência o órgão sexual masculino é designado com vocábulos análogos a armas, como em “arma” (Nordeste), “bacamarte” (Nordeste) ou “faca” (Nordeste). O ato sexual em si é designado no mesmo tom, como em “metida” (Sul, Sudeste, Centro-Oeste), “picotada” (Nordeste, Sul) ou mesmo a famosa “foda” (do latim *fodere* – cavar, furar, picar). Nesta relação, por fim, o órgão sexual feminino é referenciado por vocábulos conotam passividade (inclusive da violência), como em “bainha” (também onde se guarda a faca, Nordeste), “engole espada” (Nordeste), “engenho” (que recebe a “cana” do homem, Nordeste) ou “máquina de fazer menino” (Nordeste, Sul).

Assim, o ato sexual “quente”, “bom” é aquele onde toda a mulher precisa suportar toda a virilidade e força masculinas, não importa o quão invasivas e incômodas possam ser para a mulher. Mulher que é também significada como uma máquina, que responde aos comandos de quem a controla, o homem, e, sem sentir – porque não pode, em todos os sentidos da palavra – produz objetivamente o rebento que tem como tarefa segundo a ideologia social predominante, concepção aparente especialmente no último verbete mencionado acima.

O mito da “mulher louca” mencionado mais cedo neste trabalho também dá indicativos de ter manutenção inclusive na categoria dos palavrões: “loca” (Nordeste) também é um verbete para o órgão genital feminino, de modo que “enlocar” (Nordeste) é praticar o ato sexual – aparentemente do ponto de vista masculino da relação, já que o “enlocado” é o órgão sexual deles.

A questão do deflorar da mulher é outra que chama atenção em como é significada: “abrir o selo” (Sul), “desaquietar” (Nordeste), “emburacar” (Nordeste) ou o trio “passar nas armas”, “passar no papo” e “passar nos peitos” (Nordeste, Sul) são expressões de conotam o ato de iniciar a mulher na vida sexual.

Nota-se que os vocábulos variam bastante: há desde a simples noção de “abrir” até a de “perturbar” (tirar da aquietação), “enganar” (passar no papo) ou ainda “submeter” (passar nas armas/passar nos peitos).

Uma análise possível para a significação dos palavrões aqui aparente é a de que deflorar uma mulher é submetê-la – uma mulher que é “inocente”, ainda “pura” e desprovida das propriedades maliciosas do ato sexual – às vontades de um homem que já é conhecedor do que faz, que é forte e viril o suficiente para “emburacá-la” e literalmente introjetar-lhe a dureza da materialidade do mundo real.

A atividade/passividade sexual é generalizada para outros âmbitos da vida social. Tal como é a história do Brasil desde o evento do Descobrimento, se nos lembrarmos bem: A América, no feminino, é invadida tal como a jovem exemplo do último parágrafo. O mastro – “caralho” – português a invadiu sem aviso ou “preliminares”, de modo que o comportamento passivo feminino é naturalizadamente reproduzido desde então, sempre com o homem no lugar de conquistador ativo da “aquietação” feminina.

Penso que desde então o modo de dizer desta situação da mulher – banalmente, fraseado em forma socialmente rechaçada tornando a questão um “não-dito”, só vem fazer a manutenção do papel submisso da mulher, e em especial a mulher que se inicia na vida sexual. O sujeito que delas faz uso aparentemente reflete ao mesmo tempo em que corrobora a existência de uma visão objetificada da mulher e subjetificada do homem – a dialética da mulher-

objeto e do homem-sujeito traduzida na relação sexual referida pelos palavrões.

Apenas o início da referência à passividade imposta à mulher, porque a observação dela é facilmente extensível se pensarmos o restante das situações sociais e como se colocam nelas os dois gêneros: a mulher é quieta, calma e ponderada. Sempre deve pedir por permissão e sustento de seu marido. O homem, em contrapartida, é bruto, irascível e de alto volume. Nada sente e faz o que quer porque trabalhou o dia todo fora, então sua mulher precisa lhe cuidar.

Pode ser que o palavrão seja, inclusive, porta de saída da angústia sofrida pela imposição de tais papéis sociais, tanto para mulheres quanto também para homens; praguejar, como disse o professor Milanez na citação de início do capítulo, pode ser remédio “para se evitar uma prisão de ventre psíquica”, de modo que veiculam a emoção sentida e aliviam a responsabilidade de viver uma realidade com tamanho peso social além do subjetivo. Pode ser também meio de escancarar de naturalizações de tamanha gravidade como as brevemente apontadas neste trabalho – desde que observado e analisado com o rigor da ciência, e sem julgamentos subjetivos detrimenais ao estudo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Mas encaro o dicionário, como todos os meus trabalhos publicados, como minha contribuição, como registro de dados folclóricos para que não se percam nas dobras do tempo.”

(Mário Souto Maior, set/1979)

A tentativa deste trabalho foi delinear alguns dos significados dos palavrões registrados e descritos no Dicionário do Palavrão e Termos Afins e minimamente aprofundá-los em suas dimensões sociais e histórico-dialéticas. Com base nesta coleta de verbetes, foi possível observar alguns dados:

O palavrão tem história e origens. Fato observado em todos os itens observados no capítulo anterior. O palavrão, desde que observado em seu contexto histórico e como processo contínuo como integrante do fenômeno linguístico que é, remete a processos históricos importantes, como o papel de submissão imposto à mulher, tanto em relações conjugais como fora delas, o histórico feminino da mulher como sendo signo de passividade e candura e o homem um signo de atividade e malícia, entre outros.

Cada palavrão é um e só pode ser compreendido enquanto tal quando utilizado em determinadas particularidades. Cada particularidade – contexto histórico – material determina (facilitando ou não) a ocorrência de eventos como o uso de palavrões. No caso desta análise, observamos que alguns palavrões só são considerados como tais em determinadas regiões do país, por exemplo.

Outros só fazem sentido a uma classe de pessoas específica – se eu disser para alguém ir “visitar o Fidel Castro!” fora do Rio Grande do Norte dificilmente a expressão fará sentido. Mas se eu estiver dentro do RN e mandar um residente de lá fazer a visita ao Fidel, ele provavelmente saberá que esta é uma forma de dizer “vá tomar no cu” e as consequências serão completamente outras.

O palavrão pode disfarçar ideologias naturalizadas – o que pode ser potencialmente perigoso. Sob o simples rótulo de “não-dito” (não possibilidade

de se falar sobre) do palavrão, escondem-se ideologias naturalizadas impossíveis de serem problematizadas exatamente por serem veiculadas através de vocabulário tabu.

Não se discute e não se observa o problema e, portanto, ele não existe. Vimos que é o caso de quando dizem que homens que “amulheram-se” são fracos. Um homem fraco não é homem – é mulher, e mulheres é que são fracas. É uma falácia fácil de cair quando o ato de se falar palavrão é significado como algo tão sujo e impróprio e exatamente por isso não tem a chance de ser discutido – cada um permanece em seu papel socialmente mantido e a sociedade permanece em equilíbrio.

Esconder naturalização é continuar saindo “fodida e mau paga” (Nordeste, Sul) porque não produz as contradições necessárias ao movimento de pensamentos de ninguém e mantém o sofrimento de todas/os por mais tempo.

As novinhas é que são legais: dá para “passar no papo”. O ato sexual é para ser, correndo o risco de soar romântico demais, bonito, respeitoso das vontades de todas/os que participam juntos desse momento. Ir “balançar a roseira” (Nordeste) e achar que vai enganar a moça por qualquer motivo é naturalizar a submissão da mulher tanto quanto da juventude ao homem que ainda é mais velho.

Os estudos sobre palavrões precisam ser renovados – e isso há séculos. As fontes consultadas para a elaboração do Dicionário de Souto Maior já eram antiquíssimas à época de pesquisa dele, e isso influencia muito no registro e acompanhamento fiel do movimento do processo linguístico. Há verbetes listados no Dicionário que já tinham séculos de existência e provavelmente não eram mais utilizados nos anos 70 mesmo.

O mesmo se repete hoje, neste estudo: minha maior base de coleta tem aproximadamente 40 anos, e em cima disso foi baseada em bibliografias coloniais, de séculos atrás. Claro que são registros ricos, mas que já não acompanham tão bem o ritmo de mudança do idioma português – presente oficialmente em pelo menos quatro continentes pelo mundo.

À guisa de pausa no trabalho mas não de conclusão, reitero que não foi objetivo deste trabalho esgotar o significado dos palavrões, mas apontar caminhos de (re)início da investigação nesta área tão importante, mas tão carente de estudos científicos.

Reitero ainda que falar palavrão raramente, se for, é só pela transgressão social. O palavrão pode fornecer informações importantes de contexto histórico, sentido subjetivo (dá um vislumbre de como pensa esta pessoa) e significado social (noções coletivamente construídas a partir das relações sociais intersubjetivas), e deve ainda ser mais frequente objeto de estudo da Psicologia brasileira.

Muitas questões ainda ficaram por esclarecer e as levanto aqui como sugestões para trabalhos futuros: qual o impacto subjetivo do uso de palavrões para quem os ouve e deles não faz uso? Qual o sentido do palavrão para os diferentes papéis aqui mencionados (mulheres, homens, pessoas de orientação homoafetiva, etc.)?

6. REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J. D. et al. Reflexões sobre sentido e significado. In: BOCK, A. M. M.; GONÇALVES, M. D. G. M. **A Dimensão Subjetiva da Realidade - uma leitura sócio-histórica**. 1ª. ed. São Paulo: Cortez, 2009. Cap. 2, p. 54-72.

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de Significação como instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, São Paulo, n. 26 [2], p. 222-245, 2006.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. D. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13ª. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BUENO, M.; ORSI, V. Os palavrões e os dicionários: estudo contrastivo entre o português brasileiro e o italiano sobre itens tabus. **Revista Memento**, São José do Rio Preto, v. 5, n. 2, Dezembro 2014. ISSN 2317-6911.

CIPRIANO, R. Palavrão a palavrão: de onde vieram as asneiras. **Observador**, 2015. Disponível em: <<http://observador.pt/especiais/palavrao-palavrao-vieram-as-asneiras/>>. Acesso em: 26 maio 2016.

COLEÇÃO Grandes Educadores: Lev Vygotsky. Direção: Régis HORTA. Produção: Marta Kohl de OLIVEIRA. [S.l.]: Atta Mídia e Educação. 2006.

DARWIN, C. **A Origem do Homem e a Seleção Sexual**. São Paulo: Hemus, 1982.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Notas sobre pensamento e linguagem em Skinner e Vygotsky. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 147-164, 1995.

HOUNIE, A.; PETRIBÚ, K. Síndrome de Tourette - revisão bibliográfica e relato de casos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. XXI, n. 1, p. 50-63, 1999.

KAHHALE, E. M. S. P.; ROSA, E. Z. A construção de um saber crítico em psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. D. G. M. **A Dimensão Subjetiva da Realidade - uma leitura sócio-histórica**. 1ª. ed. São Paulo: Cortez, 2009. Cap. 1, p. 19-53.

MATTOSO, G. Um puta dicionário. **Revista Contexto**, n. 4, p. 193-195, 1996.

MATURANA, H. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MOREIRA, M. A. A Epistemologia de Maturana. **Ciência & Educação**, v. 10, n. 3, p. 597-606, 2004.

MORIN, E. **A Cabeça Bem-feita - repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ORSI, V. Tabu e preconceito linguístico. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 9, n. 17, p. 334-348, 2011.

PINKER, S. What the F***? **New Republic**, 2007. Disponível em: <<https://newrepublic.com/article/63921/what-the-f>>. Acesso em: 26 maio 2016.

RESENDE, P. I. O Direito ao Palavrão. **Pensador**, 2008. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/NTQxMzA0/>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

SANTOS, D. C.; COSTA, K. R. L. Palavrão: um olhar sobre a possível não-arbitrariedade deste signo linguístico. **Web-Revista Sociodialeto**, Campo Grande, v. III, n. Especial, p. 331-345, Março 2013. ISSN 2178-1486.

SILVA, D. D. Palavrões e Afins. **Revista Língua**, 2011. Disponível em: <<http://revistalingua.com.br/textos/66/artigo249078-1.asp>>. Acesso em: 26 maio 2016.

SMOLKA, A. L. B. Construção de conhecimento e produção de sentido: significação e processos dialógicos. **Temas em Psicologia**, Campinas, n. 1, p. 7-15, 1993.

SOUTO MAIOR, M. **Dicionário do Palavrão e Termos Afins**. Belo Horizonte: Leitura, 2010.

TARTAMELLA, V. **Parolacce**: perché le diciamo, che cosa significano, quali effetti hanno. Milão: BUR, 2006.

VIEIRA, A. J. H. Maturana e o espaço relacional da construção do conhecimento. **Humanitates**, Brasília, v. I, n. 2, Novembro 2004.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. 1ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ANEXOS

ANEXO I – “O Direito ao Palavrão”, por Pedro Ivo Resende

Os palavrões não nasceram por acaso. São recursos extremamente válidos e criativos para prover nosso vocabulário de expressões que traduzem com a maior fidelidade nossos mais fortes e genuínos sentimentos. É o povo fazendo sua língua. Como o Latim Vulgar, será esse Português vulgar que vingar-se plenamente um dia. Sem que isso signifique a "vulgarização" do idioma, mas apenas sua maior aproximação com a gente simples das ruas e dos escritórios, seus sentimentos, suas emoções, seu jeito, sua índole.

"Pra caralho", por exemplo. Qual expressão traduz melhor a ideia de muita quantidade do que "Pra caralho"? "Pra caralho" tende ao infinito, é quase uma expressão matemática. A Via-Láctea tem estrelas Pra caralho, o Sol é quente Pra caralho, o universo é antigo Pra caralho, eu gosto de cerveja Pra caralho, entende?

No gênero do "Pra caralho", mas, no caso, expressando a mais absoluta negação, está o famoso "Nem fodendo!". O "Não, não e não!" e tampouco o nada eficaz e já sem nenhuma credibilidade "Não, absolutamente não" o substituem. "Nem fodendo" é irretorquível, e liquida o assunto. Te libera, com a consciência tranquila, para outras atividades de maior interesse em sua vida. Aquele filho pentelho de 17 anos te atormenta pedindo o carro pra ir surfar no litoral? Não perca tempo nem paciência. Solte logo um definitivo "Marquinhos, presta atenção, filho querido, NEM FODENDO!". O impertinente se manca na hora e vai pro Shopping se encontrar com a turma numa boa e você fecha os olhos e volta a curtir o CD do Lupicínio.

Por sua vez, o "porra nenhuma!" atendeu tão plenamente as situações onde nosso ego exigia não só a definição de uma negação, mas também o justo escárnio contra descarados blefes, que hoje é totalmente impossível imaginar que possamos viver sem ele em nosso cotidiano profissional. Como comentar a gravata daquele chefe idiota senão com um "é PhD porra nenhuma!", ou "ele redigiu aquele relatório sozinho porra nenhuma!". O "porra nenhuma", como vocês podem ver, nos provê sensações de incrível bem estar interior. É como se estivéssemos fazendo a tardia e justa denúncia pública de um canalha. São dessa mesma gênese os clássicos "aspone",

"chepone", "repone" e, mais recentemente, o "prepone" - presidente de porra nenhuma.

Há outros palavrões igualmente clássicos. Pense na sonoridade de um "Putaquepariu!", ou seu correlato "Putaqueo-pariu!", falados assim, cadenciadamente, sílaba por sílaba... Diante de uma notícia irritante qualquer um "putaqueo-pariu!" dito assim te coloca outra vez em seu eixo. Seus neurônios têm o devido tempo e clima para se reorganizar e sacar a atitude que lhe permitirá dar um merecido troco ou o safar de maiores dores de cabeça.

E o que dizer de nosso famoso "vai tomar no cu!"? E sua maravilhosa e reforçadora derivação "vai tomar no olho do seu cu!". Você já imaginou o bem que alguém faz a si próprio e aos seus quando, passado o limite do suportável, se dirige ao canalha de seu interlocutor e solta: "Chega! Vai tomar no olho do seu cu!". Pronto, você retomou as rédeas de sua vida, sua autoestima. Desabotoa a camisa e saia à rua, vento batendo na face, olhar firme, cabeça erguida, um delicioso sorriso de vitória e renovado amor-íntimo nos lábios.

E seria tremendamente injusto não registrar aqui a expressão de maior poder de definição do Português Vulgar: "Fodeu!". E sua derivação mais avassaladora ainda: "Fodeu de vez!". Você conhece definição mais exata, pungente e arrasadora para uma situação que atingiu o grau máximo imaginável de ameaçadora complicação? Expressão, inclusive, que uma vez proferida insere seu autor em todo um providencial contexto interior de alerta e autodefesa.

Algo assim como quando você está dirigindo bêbado, sem documentos do carro e sem carteira de habilitação e ouve uma sirene de polícia atrás de você mandando você parar: O que você fala? "Fodeu de vez!". Sem contar que o nível de stress de uma pessoa é inversamente proporcional à quantidade de "foda-se!" que ela fala. Existe algo mais libertário do que o conceito do "foda-se!"? O "foda-se!" aumenta minha autoestima, me torna uma pessoa melhor. Reorganiza as coisas. Me liberta. "Não quer sair comigo? Então foda-se!". "Vai querer decidir essa merda sozinho(a) mesmo? Então

foda-se!". O direito ao "foda-se!" deveria estar assegurado na Constituição Federal.

Liberdade, igualdade, fraternidade e foda-se!

Grosseiro, mas profundo... Pois se a língua é viva, inculta, bela e malcriada, nem o Prof. Pasquale explicaria melhor. "Nem fodendo..."

ANEXO II – Verbete para “Palavrão” retirado do Dicionário do Palavrão e Termos Afins

Palavrão. DJACIR MENEZES, Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em *Pornografia e pedagogia progressista, Carta mensal*, Rio de Janeiro (207), 3-17, jun. 1972: “Que é *palavrão*? É a palavra, no aumentativo, que lhe empresta a interdição. Examinada fonética e lexicograficamente, é apenas palavra, associação articulada de sons, que haure vivência na atmosfera espiritual de uma língua. Se uso o *palavrão son of a bitch ou whore*, neste instante de fala portuguesa, ninguém estremece. Mas se menciono um sinônimo de idioma mais próximo, como *putain, ou putana*, há um susto nos velhos ou maduros, onde dorme a pudicícia hereditária. É que nos criamos dentro de uma ambivalência sonora que se embebe de impregnância afetiva e nosso espírito que se formou sentindo as profundas ressonâncias que estão na gênese do nosso pensar. Mais que isso; do nosso sentir. Que se faz agora? Despe-se, descolore-se das tintas afetivas, pelo uso habitual, aquelas palavras cujas conotações profundas vinham da vida emotiva. A palavra desidratou-se da seiva afetiva, ficou ao raso do conceito intelectual nas conversações como já estava na literatura escrita. A juvenzinha não se preocupará mais em dizer o sinônimo, porque está habituada ao dissílabo de Gil Vicente e Jorge Amado. E aquelas duas sílabas que outrora constituíam a palavra mais energética da língua portuguesa e o insulto supremo, estão apagando, descolorindo, desmoralizadas entre decotes de salões e na jovial algazarra estudantil. Mas não é no *palavrão* que está a imoralidade. Seria primário supô-lo. Pelo contrário: nele reside às vezes um forte impacto de vigor ético. A palavra evidentemente vive no contexto. Lembro aquele pedaço de *O Ateneu*, de Raul Pompeia. Delicadamente, querendo escrever um vocábulo desasseado, mencionou-o como a palavra que Cambrone tornou heroica, Victor Hugo épica e Zola clássica. E agora em Sartre originou todas as ramificações do verbo *s’emmerder*, que povoam os diálogos de seus personagens e reacendem revolucionariamente na literatura.” JORGE AMADO, romancista: “Considero que o chamado *palavrão* é uma palavra igual a todas as demais, que por uma circunstância qualquer tornou-se maldita. ‘No fundo, uma palavra vítima de preconceito’.” JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS, romancista: “O *palavrão*

específico, 99% sexual, é um sinônimo, preconcebidamente grosseiro, de uma palavra ridícula, erótica ou científica. O *palavrão* ocasional bem do terreno da gíria local, é uma corrupção no sentido de uma palavra qualquer.” MAURO MOTA, poeta: “Nem o simplesmente polissilábico, nem o termo que, por isso mesmo, engasta a gente pela extensão ou deixa as letras presas na boca, exigindo até palito para removê-las dos interstícios dentais. O *palavrão* corresponde a um estado talvez menos agressivo do que de autodefesa. É direto, veloz, pronunciado rapidamente, sem moleza ou hesitação de voz e ânimo. Diante da explosão sentimental que representa, quem sabe não serviria até de estímulos aos deficientes orais? Ninguém chama a quem insulta de um nome feio a prestação. Chama-o de uma só vez.” CARLOS DE ARAÚJO LIMA, jurista: “É o arroteo em palavras, fato feito palavra. Existe como fenômeno orgânico também. Precisa sair. É libertação.” OLÍMPIO BONALD NETO, poeta: “Vocábulo que exprime ação, qualificação ou exclamação, com intenção de chocar, excitar ou ofender; agressão verbal; apelido dos órgãos e atos sexuais.” LUIZ BELTRÃO, escritor: “Palavra ou expressão com sentido, um dos quais obsceno.” FRANCISCO VASCONCELLOS, etnógrafo: “São palavras e expressões que se convencionou chulas, obscenas ou prosaicas, geralmente sinônimos de outras tidas como próprias para o uso comum, não importa onde nem quando.” JAYME GRIZ, folclorista, poeta: “Segundo o juízo comum, vale como obscenidade, exprimindo, psicologicamente, em certas circunstâncias, o real aspecto do objetivo visado com seu uso.” BELCHIOR MAIA DE ATHAYDE, professor: “Palavra obscena ou tida como tal, bem como qualquer palavra empregada com o sentido de ofensa, de desabafo, de humor ou de admiração. Note que exclui o sentido puramente erótico. Neste sentido o *palavrão* passa a ser mesmo obscenidade.” VERÍSSIMO DE MELO, etnógrafo: “Uma palavra ou expressão de baixo calão. Às vezes, fere. Noutras ocasiões, agrada. Depende da conotação e da entonação.” VICENTE SALLES, antropólogo: “Descarga emotiva e/ou agressão verbal. Num sentido restrito, porém, acho que o *palavrão* não existe. Em geral, tem legítima paternidade etimológica.” ELIJAH VON SÓHSTEN, professor: “Qualquer palavra (obscena ou não) que tenha sentido ou intenção obscena.” LUIZ LUNA, escritor: “É uma palavra como outra qualquer, em torno da qual foi criado um tabu. A palavra passou a ser proibida em certos ambientes porque alguns resolveram considera-la *palavrão*. Dentro

do critério arbitrário da escolha, mamãe poderia ser *palavrão*, pois esse conceito está intimamente ligado a uma conjuntura social. Aldous Huxley, no *Admirável Mundo Novo*, conclui que, na sociedade do bebê de laboratório, papai será *palavrão*.” MONSENHOS FRANCISCO SALLES, professor: “É uma agressão verbal, emitida em linguagem de baixo calão, ofensiva, repulsiva e muitas vezes afetando a sensibilidade das pessoas visadas.” NELSON SALDANHA, escritor: “É o termo que, considerado convencionalmente pornográfico ou de baixo calão, ocorre na linguagem coloquial.” PELÓPIDAS SOARES, escritor: “Palavra sexual ou parassexual, subjetiva, insultuosa. Em certos casos, porém, dependendo das circunstâncias e inflexão da voz, pode ser grande elogio: ‘Filho da mãe!’ pode significar grande sujeito. Atualmente, o *palavrão*, como exemplo, ‘frescura’, está se tornando corrente nos melhores ambientes, é palavra bonita, sobretudo quando dita pelas mulheres. Ainda mais, certos autores adotam o *palavrão* como linguagem de grande beleza literária, sobretudo no teatro.” NELSON BARBALHO, escritor: “Uma válvula de escape. A funcionar como verdadeira higiene mental, em momentos de raiva, forte tensão emocional.” SYLVIO RABELLO, escritor: “Termo via de regra obsceno, pronunciado enfaticamente, como desabafo ou agressão.” VALDEMAR DE OLIVEIRA, teatrólogo: “A palavra pesada, chocante, agressiva, pornográfica e, por isso mesmo, pouco comum. Atualmente, sobre aos salões, de passagem pelos palcos, abusada pelos comerciantes do teatro.” CARLOS ALBERTO AZEVEDO, sociólogo: “É um recurso em determinadas circunstâncias.” ALBERTO CUNHA MELO, poeta: “Uma abordagem popular ao sexo.” EDUARDO CAMPOS, escritor: “Palavra irreverente, rude, ofensiva, proferida quando falha a chamada esportividade.” DANILO FRAGOSO, escritor: “É uma explosão momentânea. Essa explosão pode ser de alegria, raiva, intolerância, frustração.” J. PEREIRA, jornalista: “Vocábulo cuja conotação refoge aos padrões morais de uma comunidade.” PERMÍNIO ASFORA, romancista: “O *palavrão* é como uma criatura (uma puta) da nossa mais íntima relação, mas que na rua fingimos ignorar.” ENO TEODORO WANKEN, escritor: “É uma palavra cujo significado está ligado a algum tabu, ou seja, a algum conceito proibido no meio em que é divulgado.” CLARIBALTE PASSOS, escritor: “Uma válvula de escape para determinado desabafo, num instante de cólera, alegria, tristeza dor, censura, vingança, arma contra

alguém.” MÁRIO GARDELIN, jornalista: “Termo com vinculação direta ou indireta à conceituação sexual.” WALTER CAJAZEIRA, escritor: “Manifestação de um sentimento que não se pode conter, o *palavrão*, surge, então, como uma espécie de desabafo, senão em todas as pessoas, pelo menos na maioria.” JOÃO CHIARINI, etnógrafo: “Um xingamento, uma xingação, um desabafo, uma provocação, um carinho.” NILO RAMOS, jornalista: “Expressão depreciativa ou ofensiva com intenções mais injuriosas que caluniosas.” JOEL PONTES, crítico literário: “Palavra considerada inconveniente, indicativa de atos fisiológicos, produto desses atos, obscenidade, situação moral inferiorizante, órgão sexuais etc., sempre de caráter popular.” NEWTON LIBERTADOR, artista plástico: “É uma palavra obscena que se usa como interjeição, de raiva, alegria, surpresa ou desabafo.” APPARÍCIO RILLO, escritor: “Toda palavra, dita ou escrita, que ofende a sensibilidade bitolada pela moral social e familiar, ou que leva em si conotações eróticas de plano vulgar.” ELMAR JOENCK, professor de Português: “*Palavrão* é a palavra ou expressão (frase ou locução) capaz de expressar (não necessariamente comunicar) um estado emotivo ou psicológico altamente explosivo de uma pessoa cuja atenção, tenção ou tensão se frustram ou atinjam seu auge em situações chocantes ou perturbadoras. Ocorrendo ou a alta tensão ou o choque ou o curto-circuito da situação, ocorre a descarga ou manifestação emocional através do dizer-se um fulgurante *palavrão*.” EVANDRO SILVA, professor: “Vernáculo puro, castiço.” JOÃO FERREIRA GOMES (Jota Efegê), jornalista: “Toda palavra não convencional na ética prosódica e que no consenso da moral e dos bons costumes é creditada como tal, mesmo quando em sua concepção etimológica não pareça ser. Ex.: “Fulano é *veado*!” ALDILENE FERREIRA DE SOUZA, doméstica: “É uma palavra de forte sentido.” GERSON ALVES MILANEZ, professor, documentarista: “Entendemos que seja o único remédio para se evitar a prisão de ventre psíquica: um vômito natural e violento pelo qual o homem, a mulher e a criança evitam a indigestão e a congestão psicossomática, causadoras de complexos ou doenças da alma.” LUIZ ADAUTO FARIA, escriturário: “É uma palavra de baixo nível cultural usada geralmente para ofender uma pessoa, para desabafar alguma mágoa ou rancor e para tornar uma frase mais entendida.” OTHONIEL BOTELHO, mecânico-eletricista: “São termos que, pela sua verdadeira significação, são considerados

obscenos, ou apenas desrespeitosos, e, por isso, as pessoas de pelo menos mediana educação evitam empregá-los, só o fazendo em casos extremos, ou seja, de superexcitação nervosa.” AMARINO MARTINS DE OLIVEIRA, contínuo: “É uma palavra que se diz feia mas é agradável de certo ponto de vista.” ROLDÃO SIMAS FILHO, químico: “Palavra ou expressão chocante, agressiva e proibida por códigos morais.” D. HILDEBRANDO DE MELO, sacerdote, professor: “É um fenômeno linguístico do submundo sociocultural. No *palavrão* existe, naquele que o profere, uma espécie de descarga emocional. Provoca ele uma sensação auditiva e uma emoção verbal que representam certo alívio psicológico em situações críticas e desagradáveis.” ANTÔNIO ALVES, músico: “Um desabafo natural e que se faz necessário em determinados momentos.” FREDERICO PERNAMBUCANO, advogado: “Palavra normalmente condenada pelo termo médio da sociedade.” SEBASTIÃO MONTE, comerciante: “Uma coisa maravilhosa. Destrói o formal. Harmoniza. Enche a vida de riso, que tanto faz falta. Nivelava tudo e todos.” MÁRIO JÁCOME FILHO, industrial: “Uma palavra ou expressão imoral, usada por todos na intimidade e publicamente pelas pessoas consideradas maleducadas ou em momentos de raiva, dor ou frustração.” PAULO KRUEL DE ALMEIDA, engenheiro: “Palavra de baixo calão; expressões que não podem ser usadas em todos os ambientes, pelo tom chocante e de baixo nível; expressões grosseiras para referir em geral funções corporais ou fisiológicas que não são praticadas em público; expressões enfáticas que em geral não podem ser convenientemente substituídas por linguagem de salão.” SÉRGIO ROBERTO SERRÃO REINIGER, estudante: “O *palavrão* é, acima de tudo, um mito criado pela sociedade de consumo acerca de umas poucas palavras usadas nos momentos de raiva ou desespero.”